

INTERPRETAR O PASSADO, PROJETAR O FUTURO: A ENCICLOPÉDIA MÁGICA DE VALÊNCIO XAVIER¹

Rodrigo Gomes de Araujo

Doutorando em História pela UFPR

E-mail: rodrigo.ufprmec@gmail.com

RESUMO

O pensamento histórico se realiza no cotidiano, é intrínseco às ações humanas. Mesmo que não seja elaborada de maneira acadêmica, a consciência histórica está presente nas mais variadas formas de expressão cultural. Neste artigo, discuto o modo como a consciência histórica se expressa em duas obras ficcionais do escritor e cineasta Valêncio Xavier (1933-2008). A partir do diálogo com as teorias do historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen, argumento que em ambos os livros aqui abordados, *Meu 7º dia* (1999) e *Minha mãe morrendo e o menino mentido* (2001), Xavier se dedicou a interpretar o passado e construir uma projeção do futuro, inserindo-se na marcha do tempo, e construindo identidade histórica. Defendo que ao colecionar e agrupar pequenos vestígios do passado na forma de narrativas, o autor construía sua interpretação da passagem do tempo e buscava inserir a própria existência ao longo da história.

Palavras-chave: consciência histórica, relação com o passado, ficção contemporânea, narrativa, identidade.

ABSTRACT

The historical thinking takes place in the daily life, it is intrinsic to human actions. Regardless of being drafted so academic, historical consciousness is present in various forms of cultural expression. In this paper, I discuss how the historical consciousness expresses itself in two fictional works of the writer and filmmaker Valêncio Xavier (1933-2008). I take as a starting point the dialogue with the theories of the German philosopher and historian Jörn Rüsen to argue that in both books discussed here, *Meu 7º dia* (1999) e *Minha mãe morrendo e o menino mentido* (2001), Xavier devoted himself to interpret the past and build a future projection, inserting itself in the march of time, building and historical identity. I argue that by collecting and grouping small traces of the past in the form of narratives, the author built his interpretation of the passage of time and he sought to put the own existence throughout history.

Keywords: historical consciousness, relationship with the past, contemporary fiction, narrative, identity.

¹ Este artigo corresponde a uma reelaboração de parte de minha dissertação de mestrado sob o título *O passado vive em mim: a consciência histórica na produção de Valêncio Xavier (décadas de 1970-2000)*, defendida em 2012 na UFPR, sob orientação de Renato Lopes Leite.

Pensar historicamente é uma prática cotidiana que está muito além da produção científica de conhecimento histórico. É um processo de interpretação do tempo vivido que se realiza na vida prática. Segundo o historiador alemão Reinhart Koselleck, é através da interpretação das experiências adquiridas que se forma o horizonte de expectativa para o futuro, construindo assim perspectivas para agir na vida prática (KOSELLECK, 2006, p. 305-327). Neste artigo, discuto a forma como dois livros de ficção – *Meu 7º dia* (1999) e *Minha mãe morrendo e o menino mentido* (2001) – do escritor e cineasta Valêncio Xavier se configuram como uma forma de interpretação do tempo vivido pelo autor, construindo conhecimento sobre o passado e projeção para o futuro.

De acordo com o historiador alemão Jörn Rüsen, o pensamento histórico se faz no cotidiano, e a interpretação das mudanças do mundo contemporâneo parte das carências de orientação na passagem do tempo.

São as situações genéricas e elementares da vida prática dos homens (experiências e interpretações do tempo) que constituem o que conhecemos como consciência histórica (RÜSEN, 2001, p. 54).

Essa consciência é a base para o saber historiográfico, porém segundo Rüsen, o conhecimento sobre o passado se torna científico a partir dos métodos específicos de pesquisa. Então, através da apresentação narrativa, os eventos do passado adquirem função de orientação cultural no presente. Assim, para o historiador, as narrativas são produzidas na tentativa de orientar-se no fluxo temporal, na busca de se situar entre o passado, o presente e o futuro. A consciência histórica é um tipo de saber histórico ainda não problematizado com métodos de pesquisa, mas ainda assim capaz de orientar e conferir conhecimento (RÜSEN, 2001, p. 55-66). Desse modo, várias formas de expressão cultural que representam o passado constituem a consciência histórica, desde que façam com que o passado sirva como orientação cultural no presente.

Os historiadores Georg Iggers e Edward Wang realizaram um esforço de síntese das manifestações da consciência histórica. De acordo com eles,

A consciência histórica se expressa de muitas formas, não apenas de maneira acadêmica, mas também na literatura imaginativa, nas artes plásticas, em monumentos e na arquitetura, em festivais, em músicas, nas diversas expressões impalpáveis e desarticuladas da memória coletiva (IGGERS; WANG, 2008, p. 4, tradução minha).²

² [Historical consciousness expresses itself in many forms, not only in scholarship, but also in imaginative literature, in plastic arts, in monuments and architecture, in festivals, in song, in various intangible and unarticulated expressions of collective memory (IGGERS; WANG, 2008, p. 4)].

Em síntese, a consciência histórica é entendida aqui como o processo de interpretação da experiência do tempo, no qual o passado é apropriado e ressignificado no presente, constituindo a identidade histórica através de formas narrativas, mesmo que estas não sejam elaboradas como historiografia em sua forma científica, e possuam características ficcionais.

Em diálogo com estas concepções, é possível afirmar que o conjunto da obra do escritor e cineasta Valêncio Xavier é permeado por uma apurada consciência histórica. Suas obras se valeram de fragmentos do passado e lhes conferiram significado no presente, como na teoria de Rüsen. Os livros e audiovisuais de Xavier foram produzidos a partir de seus interesses e curiosidades cotidianas, e embasado nisso o autor realizava suas pesquisas. Mas não buscou construir obras historiográficas, e sim ficcionais (BENTIVOGLIO, 2004, p. 68). O autor construía sua ficção lado a lado com o registro histórico.

Valêncio Xavier esteve bastante presente no contexto cultural de Curitiba a partir da década de 1970, principalmente estando ligado ao cinema. Entretanto, não obteve reconhecimento por seu trabalho na área do audiovisual, e boa parte de seus filmes e vídeos continua praticamente inédita. O autor era paulista e radicou-se em Curitiba, onde morou desde os anos de 1950. Na década seguinte, quando as emissoras de tv chegaram ao Paraná, Xavier passou a trabalhar nas redes de tv. Em 1975, o autor foi fundador da Cinemateca do Museu Guido Viaro, dirigindo-a até 1982. Posteriormente foi diretor do Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS-PR) entre 1987 e 1991, foi principalmente no período em que dirigiu estas instituições que Xavier realizou seus próprios audiovisuais.

Como escritor, publicou várias narrativas curtas em periódicos desde a década de 1960, mas foi a partir de 1974 que passou a publicar seus livros, em edições independentes ou com o financiamento da Prefeitura Municipal de Curitiba. Com a baixa divulgação e a circulação restrita, o autor passou a ter notoriedade no campo literário somente em 1998, com a publicação da coletânea *O mez da gripe e outros livros* pela editora Companhia das Letras, inclusive ganhando um Prêmio Jabuti, uma das principais premiações literárias do Brasil.

Numa entrevista de 1998, quando perguntado sobre seu lugar na literatura brasileira, Xavier declarou: “A única coisa que sei é que nunca coloquei barreiras ou regras naquilo que me vinha na cabeça para escrever. Talvez a palavra certa não seja

experimental ou vanguardista, e sim libertário” (XAVIER apud ALEIXO, 1998, p. 3). Essa liberdade, de que o autor falou, lhe permitiu que construísse uma relação peculiar com o passado, na qual o ficcional se soma ao factual.

Xavier não se ateu a regras dicotômicas entre ficção e fato. A consciência histórica e a curiosidade o levaram a resgatar vestígios do passado para compor sua literatura. Desse modo, chamou a atenção para certos aspectos que os historiadores de seu contexto não conseguiram perceber, ou não se interessaram, pois alguns temas abordados em suas obras ainda não foram pesquisados pela historiografia. Cito como exemplo a manipulação da epidemia de gripe espanhola na capital paranaense, discutida por ele em seu livro mais conhecido, *O mez da gripe*, de 1981. Comentando este livro, Xavier questionou que o assunto ainda não tivesse sido percebido:

Eu não entendo como ninguém tentou abordar o tema ou tirar lições. Por exemplo, desde 75, quando escrevi o livro, já vi uma série de epidemias no País revestidas dos mesmos disfarces que o governo, na época da gripe espanhola, se utilizou para acobertá-la (XAVIER apud LOPES, 1981).

Através do agrupamento de pequenos recortes, Xavier configurava sentidos para suas obras. Esses fragmentos do passado colecionados pelo autor foram usados em sua interpretação da marcha do tempo, construindo um tipo de conhecimento que está além do discurso historiográfico, pois usa recursos como a montagem cinematográfica (cf. ARAUJO, 2012, p. 78-88; ROCKER NETO, 2008, p. 56-63, 100-106; SOERENSEN, 2008, p. 61; BORBA, 2005, 105-112; CHICOSKI, 2004, p. 73-80) e imagens com teor narrativo. Isso foi possível devido ao autor nunca ter colocado “barreiras ou regras” para sua criação literária, valendo-se de formas diversas de expressão.

Xavier estava atento ao fato de que “O cotidiano está cheio de elementos fragmentados das histórias, de alusões a histórias, de parcelas de memória, de “narrativas abreviadas”” (RÜSEN, 2001, p. 159). Ele colecionava esses fragmentos, que eram deslocados de sua significação original e reorganizados em suas narrativas. E ao se apropriar desses registros do passado atribuía sentido histórico à sua literatura uma vez que criava interpretações a partir de elementos do passado. Pois, conforme Jörn Rüsen,

A constituição histórica de sentido dá-se, pois, não apenas na forma de uma narrativa elaborada a partir de uma prática cultural oriunda das rotinas do cotidiano, como em uma celebração cívica, em um discurso gratulatório, em um curso universitário ou na produção e recepção de textos historiográficos, em exposições históricas, em jogos históricos, etc. Ela perpassa todas as dimensões das mais diversas manifestações da vida humana. [...] Ela perpassa a comunicação no dia-a-dia, na forma de fragmentos de memória e de histórias, de referências a histórias, de símbolos cujo sentido só transparece na narrativa (RÜSEN, 2001, p. 160, grifos meus).

Através desses elementos da comunicação cotidiana – como recortes de jornal, figurinhas de bala e fotografias –, Xavier se relacionava com o passado, construindo sua interpretação da passagem do tempo. O autor se apropriava de fragmentos dotados de sentido próprio e os descontextualizava a partir da relação com outros recortes de imagens e de escrita.

Segundo Walter Benjamin, o próprio ato de “Colecionar é uma forma de recordação prática” (BENJAMIN, 2007, p. 239) que descontextualiza o objeto de suas funções primárias. Assim, a organização de elementos numa coleção os esvazia do significado original, os ressignificando em relação ao restante da coleção e inserindo-os em outra conjuntura. Desse modo,

para o colecionador o mundo está presente em cada um de seus objetos e, ademais, de modo organizado. Organizado, porém, segundo um arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana. [...] Basta que nos lembremos quão importante é para cada colecionador não só seu objeto, mas também todo o passado deste, tanto aquele que faz parte de sua gênese e qualificação objetiva, quanto os detalhes de sua história aparentemente exterior: proprietários anteriores, preço de aquisição, valor etc. Tudo isso, os dados “objetivos”, assim como os outros, forma para o autêntico colecionador em relação a cada uma de suas possessões uma completa enciclopédia mágica, uma ordem do mundo, cujo esboço é o *destino* de seu objeto (BENJAMIN, 2007, p. 241, grifos do texto original).

Os vestígios que Valêncio Xavier agrupava compunham uma “enciclopédia mágica” para sua interpretação do tempo. Uma vez agrupados pelo autor, os recortes adquiriam sentidos distintos dos originais, como defendeu Benjamin. E já que “Talvez o motivo mais recôndito do colecionador possa ser circunscrito da seguinte forma: ele empreende a luta contra a dispersão em que se encontram as coisas do mundo” (BENJAMIN, 2007, p. 245). Assim, acredito que a obra de Xavier possa ser interpretada como uma maneira de orientação diante da experiência da passagem do tempo e das mudanças ocorridas em sua época. Porém sua consciência histórica não tinha pretensões acadêmicas e científicas.

Apesar disso, Valêncio Xavier organizava suas obras utilizando um método similar ao da *matriz disciplinar* do pensamento histórico, proposto por Jörn Rüsen. Xavier partia de seus interesses e dúvidas cotidianas sobre o passado, realizava pesquisas, e chegava até mesmo a dialogar com uma teoria – os conceitos de montagem do cineasta soviético Sergei Eisenstein (ARAUJO, 2012, p. 74-88) –, para depois apresentar narrativas que supriam suas carências de orientação temporal. Entretanto,

como não estava sujeito às “barreiras ou regras” que conferem especificidade ao discurso histórico – como a necessidade de argumentação pautada em provas e a busca pela verdade – o autor dispôs de sua liberdade criativa e produziu obras ficcionais.

Numa entrevista, em 1999, quando perguntado sobre a relação de sua obra literária com as novas mídias eletrônicas e o que previa para o futuro da literatura, Xavier respondeu:

Você está numa rua, mesmo num bairro distante como o Solitude, na periferia de Curitiba. Você vê cartazes, placas, com desenhos, cores, símbolos e palavras. Letras imóveis formando palavras, que se movimentam andando no ônibus, na rua vazia. Ouve sons, do motor, do silêncio depois que o ônibus passa. Um cão caminha apressado, grita (ou late) suas palavras para a velha da janela, que retruca: “Passa, guapeca!”. A menina sai pela porta verde, a velha procura prever: “Vá com Deus!”. Palavras, imagens e sons, que podemos pôr no papel. Para mim as imagens têm o mesmo peso que as palavras. Eu não vivo no passado, mas o passado vive em mim. E no futuro eu não penso, não posso prevê-lo. Talvez isso que eu ponho no papel, escrevo, talvez isso seja o meu passado e talvez seja o meu futuro em que não penso (XAVIER apud TERRON, 1999, p. 54).

Além de destacar que sua escrita se baseava na percepção do cotidiano, e não nos avanços tecnológicos, Xavier evitou especular o futuro. Entretanto, um de seus livros trata justamente da projeção do futuro, como o leitor verá abaixo, à revelia de sua declaração, dizendo não pensar nisso. Porém, o que interpreto ser mais relevante em sua resposta é a frase: “Eu não vivo no passado, mas o passado vive em mim.” Pois em sua obra o passado não é representado como algo estanque, que apenas deve ser descoberto, mas sim como um discurso em constante construção, algo que “vive” e está sujeito a mudanças e interpretações.

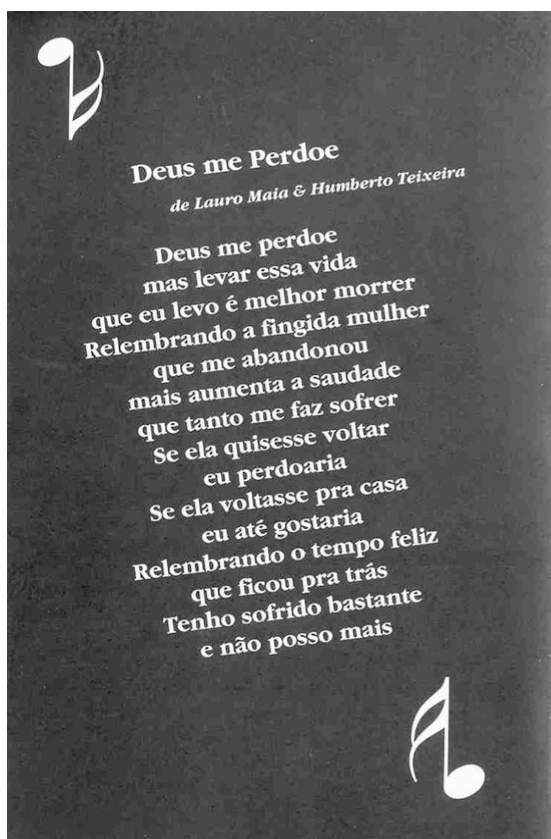
Para Rüsen, pensar historicamente é a forma “fundamental para os homens se haverem com suas próprias vidas, na medida em que a *compreensão do presente* e a projeção do futuro somente seriam possíveis com a *recuperação do passado*” (RÜSEN, 2001, p. 30, grifos meus). E é desse modo que as curiosidades sobre o passado e as carências de orientação no tempo se tornam interesses de pesquisa. Assim, “são interpretadas como *necessidade de uma reflexão específica sobre o passado*. Essa reflexão específica reveste o passado do caráter de “história”” (RÜSEN, 2001, p. 30, grifos meus).

Em dois livros, Xavier buscou utilizar a passagem temporal para interpretar sua existência, e “se haver com a própria vida”. Em *Meu 7º dia*, de 1999, o autor se apropriou de ilustrações e textos de antigos livros religiosos, letras de músicas, contos populares e uma fotografia para compor uma “novela de enigma” (COSTA, 2004, p. 74).

O livro aborda o falecimento do próprio Valêncio Xavier, e uma vez ficcionalizado o personagem levanta questões sobre os mistérios da existência humana, desde a origem do mundo, representada por fragmentos do gênese bíblico, até as incertezas quanto ao futuro, como o destino após a morte.

Podemos pensar que, acima da morte, paira um tema maior [...]. A vida é uma constante e eterna interrogação. *E o homem, na pequenez de seu saber, constrói narrativas na tentativa de encontrar respostas aos enigmas do existir: qual é o meu nome? qual é a minha identidade?* (COSTA, 2004, p. 77)

Em *Meu 7º dia*, o personagem Valêncio Xavier busca se inserir numa conjuntura temporal mítica, baseada nas doutrinas cristãs, que vai desde o gênese (XAVIER, 1999, p. 12) até o juízo final (XAVIER, 1999, p. 43-44). Neste livro, há uma projeção do único futuro no qual se pode ter certeza, a morte. Por um lado, o personagem busca se relacionar com a passagem do tempo que lhe é exterior e não pode ser controlado, mas apenas interpretado. E por outro, procura compreender sua própria existência e carências cotidianas, como ser abandonado pela mulher amada: “Eu Morri / Quando você deu o fora em mim” (XAVIER, 1999, p. 35).



4. Offerecem a Deus nossas preces, e nos trazem suas graças, como foi mostrado a Jacob num sonho misterioso.

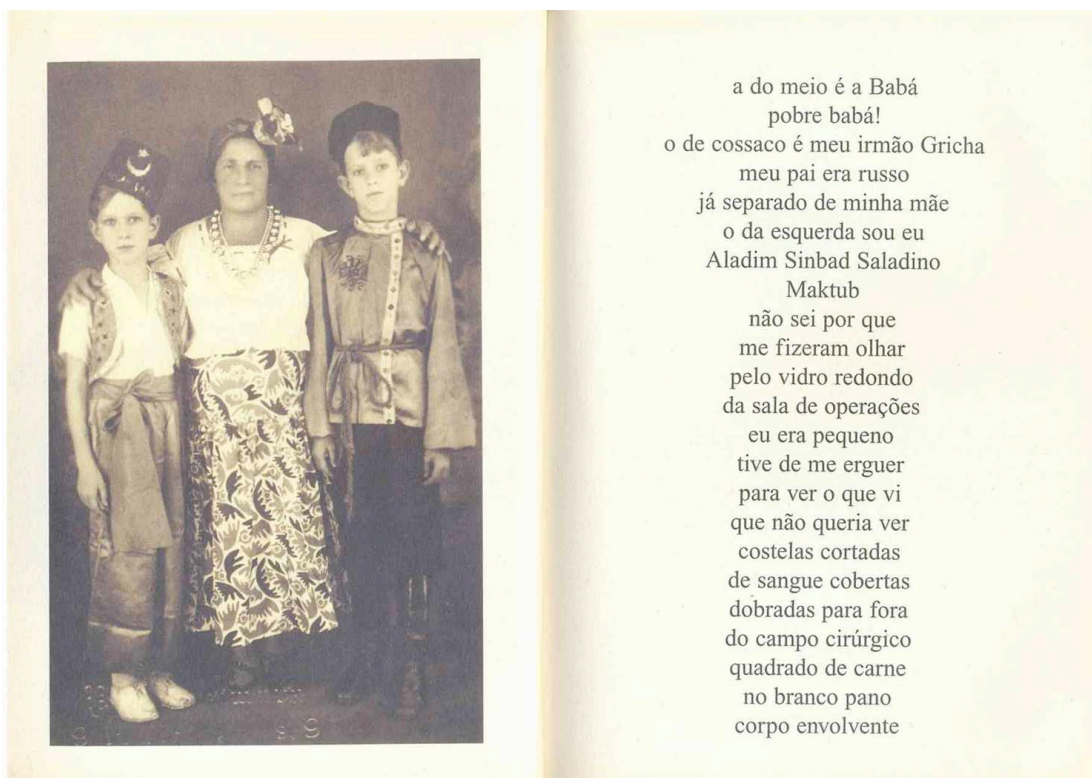
?

E se dormiu sonhou
Se é que sonha o Pai Eterno
E se sonhou
lembraria ainda
de tudo que criou naqueles
seis dias e noites anteriores
E isso lhe apareceu ao dormir
Ou ainda não criara o sonho

?

A relação presente no livro entre o tempo cristão mítico com o tempo humano “funde a história individual do Valêncio Xavier ficcional com a existência e morte dos homens ancestrais [...]. O sujeito se amplia no tempo-espaço histórico-mítico, caracterizando no texto a morte como um tema universal” (COSTA, 2004, p. 75).

Também no livro *Minha mãe morrendo e o menino mentido*, de 2001, o autor representou a si próprio como personagem inserido na marcha do tempo. Em sua autobiografia ficcional, Xavier reconstruiu a conjuntura vivenciada durante sua infância. Para compor esse livro, se apropriou de antigas fotografias da família – incluindo uma na qual ele próprio aparece –, cartões postais, diversas propagandas, fotogramas de filmes e seriados e vários outros fragmentos.



FONTE: XAVIER, Valêncio. *Minha mãe morrendo e o menino mentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 28-29.

A obra é composta por três capítulos, cada um com uma forma diferente de composição. No primeiro, as fotografias familiares servem como assunto para o texto escrito, e o personagem, o menino Valêncio, narra experiências que marcaram sua infância: a descoberta do sexo e a morte materna. Já no segundo capítulo, gravuras, propagandas, histórias em quadrinhos e trechos de livros religiosos, compõem a narrativa. Juntamente com o texto escrito, esses recortes narram suas experiências na cidade de São Paulo. Assim, o personagem adolescente apresenta as várias facetas “da

cidade por ele habitada” (XAVIER, 2001, p. 41). No terceiro capítulo, o personagem disfarçadamente narra suas primeiras experiências sexuais. Para compor esse trecho da obra o autor se apropriou principalmente de fotogramas de filmes, propagandas, fotografias e cordéis sobre Virgulino Lampião.

O jornalista José Carlos Fernandes realizou uma entrevista com Xavier, explicando como o livro foi composto:

Minha mãe morrendo surgiu de uma conversa trivial entre parentes. Convidado para visitar uma tia vetusta e distante, a dna. Filipina, [Valêncio Xavier] saiu do encontro carregando uma pastinha com algumas fotografias antigas que lhe foram dadas de presente. Eram de Maria, sua mãe, morta quando ele tinha 13 anos de idade. “Olhei aquilo tudo e o livro já estava pronto. Só tive o trabalho de montar”, conta (FERNANDES, 2001, p. 5).

Na própria narrativa de *Minha mãe morrendo e o menino mentido*, Xavier expôs este processo que o levou a elaborar o livro:

Tia Filipina
uma velha tia minha
a quem muito eu não via
me chamou a sua casa
arrumando sua morte
encontrou umas fotos
da minha mãe Maria
[...]
estava passando a mim
o filho de Maria
para guardar para sempre (XAVIER, 2001, p. 17)

Ao construir essa ficção autobiográfica, o autor Valêncio Xavier resgatou uma série de fragmentos e vestígios de seu próprio passado, recortes aparentemente sem importância, e os organizou de um modo que se tornassem inteligíveis. Esta forma de reorganização do passado como uma narrativa, segundo Jörn Rüsen, é o meio pelo qual os homens interpretam os eventos traumáticos para poderem conviver com sua memória.

No exato momento em que as pessoas começam a contar a ‘história’ do que lhes aconteceu, dão o primeiro passo rumo a assimilação de eventos perturbadores dentro do horizonte de sua visão de mundo e de sua compreensão de si mesmas. Ao cabo desse caminho, a narrativa histórica dá à perturbação traumática um lugar na cadeia temporal dos eventos. Aí ela faz sentido e perde, assim, seu poder de destruir o sentido e o significado. Ao dar ao evento um significado e sentido ‘históricos’, seu caráter traumático desaparece [...]. A atividade humana precisa de uma orientação na qual é necessária a idéia dessa continuidade temporal. O mesmo vale para identidade humana (RÜSEN, 2009, p. 195-196).

Valêncio Xavier se voltou a um evento traumático da própria infância, o falecimento materno, e o organizou na forma de uma narrativa, podendo assim elaborar

a própria identidade no fluxo do tempo. E, além disso, os fragmentos colecionados por ele apresentam um panorama cultural da cidade de São Paulo nas décadas de 1930 e 1940, período em que o autor viveu sua infância e adolescência na capital paulista. “Podemos dizer que em *Minha mãe morrendo*, através das montagens, temos as impressões, as lembranças de um menino de treze anos, narrador/personagem, cujo nome é o mesmo do escritor: Valêncio” (BORBA, 2005, p. 105).

Desse modo, o autor entrelaçava fato e ficção, ressignificando o passado na busca de se orientar na marcha do tempo e encontrar seu lugar na história. E uma vez que Xavier parecia não possuir a intenção de realizar representações fidedignas do passado, o autor dispôs de sua liberdade criativa para compor suas obras. Sobre a narrativa de *Minha mãe morrendo e o menino mentido*, ele chegou mesmo a declarar: “*Depois que uma história está escrita ela passa a existir*. E ponto final. Não importa se é verdade ou não se vi minha mãe nua ou se me iniciei sexualmente com uma prima dentro do armário” (XAVIER apud FERNANDES, 2001, p. 5, grifos meus).

Ora, Xavier recorreu à ficção literária para interpretar suas carências de orientação e suas dúvidas cotidianas, desde as curiosidades percebidas por uma criança até seus traumas e os mistérios da doutrina cristã. Selecionou e organizou esses elementos do próprio passado, construindo com eles a sua “enciclopédia mágica” para interpretar a passagem do tempo e o mundo em seu entorno. Uma frase de *Minha mãe morrendo e o menino mentido* parece explicar plenamente a organização do livro – e também os argumentos que defendo neste artigo. Ao observar uma reprodução do sistema solar o menino Valêncio conclui ironicamente: “Vendo essas miniaturas redondas a girar feito um pião, *a gente entende perfeitamente qual o nosso lugar no Universo*.” (XAVIER, 2001, p. 46, grifos meus).³

Se de acordo com a concepção de Walter Benjamin, os objetos colecionados possuem coerência somente para quem os colecionou, e o ato de agrupá-los é esvaziar seus sentidos originais e ressignificá-los em relação ao restante da coleção, inserindo-os em outros contextos histórico-sociais.

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar uma relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante (BENJAMIN, 2007, p. 239).

³ Na página 82 do livro ainda aparece uma versão levemente alterada da parte final da frase: “A gente pode entender perfeitamente qual é o nosso lugar no universo.”

Assim, Xavier utilizou sua coleção, a recortando e montando, para construir narrativas que interpretavam a experiência da passagem temporal, pois “Narrar é uma prática cultural de interpretação do tempo” (RÜSEN, 2001, p. 149). E, além disso, o autor inseriu sua própria existência em suas obras, relacionando-a com conjunturas históricas, como em *Minha mãe morrendo e o menino mentido*, e também com contextos míticos, em *Meu 7º dia*, por exemplo. Embora este artigo tenha discutido apenas dois livros nos quais Xavier aparece como personagem, esta foi uma prática comum para ele, que a utilizou em diversas outras narrativas. Muitas vezes, Xavier citou o próprio nome em suas narrativas ficcionais, aparecendo enquanto um personagem, em outras inseriu fotografias dele (cf. XAVIER, 2006, p. 133-138; XAVIER, 1993; XAVIER, 1988, p. 12-13).

A consciência histórica elaborada a partir da significação da passagem do tempo realizada por Xavier, não se ateve a estas obras, estando presente no conjunto de sua produção, incluindo seus audiovisuais e seu trabalho como diretor da Cinemateca do Museu Guido Viaro (cf. ARAUJO, 2012).

Ao realizar narrativas tendo fragmentos do passado como base, Valêncio Xavier construiu obras que além de produzirem conhecimento sobre o passado, funcionam como interpretação da passagem do tempo, expressando a consciência histórica.

Sua produção entrelaçava recursos ficcionais com registros históricos, e os montava de uma maneira que adquiriam sentido coeso, mesmo com recursos ficcionais sua prática era similar à argumentação historiográfica. E ainda que Xavier não tivesse pretensões de realizar análises historiográficas, em suas narrativas, se valeu de recursos bastante próximos dos métodos utilizados pelos historiadores.

Recebido em: 25/08/2013.

Aceito em: 23/12/2013.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Ricardo. “Mez da gripe” revela escritor polígrafo. *O tempo*. Belo Horizonte, p. 3, 3 out. 1998.

ARAÚJO, Rodrigo G. de. *O passado vive em mim: a consciência histórica na produção de Valêncio Xavier* (décadas de 1970-2000). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2012.

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: _____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, p. 237-246, 2007.

BENTIVOGLIO, Julio C. Polifonias narrativas: Tempo, memória e história em *O mez da gripe* de Valêncio Xavier. *OP SIS – Revista do NIESC*, v. 4, p. 61-70, 2004.

BORBA, Maria S. *Para além da escritura: a montagem em Valêncio Xavier*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2005.

CHICOSKI, Regina. *Eros e Tanatos no discurso labiríntico de Valêncio Xavier*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis, 2004.

COSTA, Marta M. da. Os ventríloquos da morte, textos de Valêncio Xavier e Luís Antônio Giron. In: GUIMARÃES, Marcella L. (org.). *Literatura dos anos 90: Diversidades cultural e recepcional*. 2 ed. Curitiba: Juruá Editora, p. 71-86, 2004.

FERNANDES, José C. O livro conta o que o menino viu. *Gazeta do Povo*, Caderno G, Curitiba, p. 5, 25 mar. 2001. Cinemateca de Curitiba, Pasta Valêncio Xavier.

IGGERS, Georg G.; WANG, Q. Edward. *A global history of modern historiography*. Great Britain: Pearson Education Limited, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: _____. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, p. 305-327, 2006.

LOPES, Adélia M. As recordações do ‘mez da gripe’. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 set. 1981. Casa da Memória de Curitiba, Pasta Valêncio Xavier.

ROCKER NETO, Júlio. *O mosaico de linguagens na narrativa hipertextual de Valêncio Xavier*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2008.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da historiografia*, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.

_____. *Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UNB, 2001.

SOERENSEN, Claudiana. *O mez da gripe: a Babel carnavalizada*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2008.

TERRON, Joca R. O grande circo freak de Valêncio Xavier. In: XAVIER, Valêncio. *Meu 7º dia*. São Paulo: Edições Ciência do Acidente, p. 48-54. 1999.

XAVIER, Valêncio. Coisas da noite escura. In: _____. *Rremembranças da menina de rua morta nua e outros livros*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 133-138, 2006.

_____. Las meninas. *Gazeta do Povo*, Cultura G, Curitiba, 28 fev. 1993.

_____. O mágico. *Nicolau*, Curitiba, ano 2, n. 16, p. 12-13, out. 1988.

_____. *Meu 7º dia*. São Paulo: Edições Ciência do Acidente, 1999.

_____. *Minha mãe morrendo e o menino mentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.